A fusão feliz

JOÃO PAIVA *

O presente texto pretende ser uma reflexão/síntese sobre práticas pedagógicas nos dias de hoje.

Creio que em muitos casos, quer do ponto de vista da organização curricular quer do ponto de vista da prática lectiva, não se conseguiu ainda o justo equilíbrio entre correntes "tradicionais" e correntes "modernas" de educação. Se é um facto que, no passado, teses e práticas autoritárias, anti-democráticas, manipuladoras e castradoras marcaram a nossa educação pela negativa, não é menos verdade que muitos aspectos do chamado "ensino tradicional", como a disciplina, o rigor, a exigência e o carisma do professor, não devem nem podem ser abandonados. Da mesma forma, as inspirações modernas, com atributos imprescindíveis como a própria democratização, a atenção à aprendizagem diferenciada ou a educação para a cidadania, não podem ser confundidas com o simples baixar de uma fasquia ou com protagonismos demasiadamente centrados nos alunos e geradores de situações anárquico-dispersivas em sala de aula. Entendemos ser necessário aquilo a que chamamos aqui uma fusão feliz entre o "tradicional" e o "moderno".

Há que não opor ao 8 o 80 mas proceder a uma espécie de "reciclagem" pedagógica, em que se deixa prevalecer o que é bom e se inova sem uma descontinuidade, sem desproporcionadas eufo-

rias "modernistas", que podem cair no vazio.

Ilustramos o nosso ponto de vista apresentando aquilo a que poderíamos chamar "pólos educativos". Aspectos de um mesmo segmento que podem parecer estar em oposição mas que importa sintetizar e colocar em dialéctica, aproveitando o que de positivo cada um representa. Todos conhecemos, nos gabinetes ministeriais e nas nossas escolas, exemplos que, ao invés da dita "fusão feliz" são, de facto, polarizados, excessivos e de frutos duvidosos. Vejamos alguns casos:

Conceitos/Contextos: Os currículos antigos baseavam-se essencialmente em conceitos, muitas vezes forçados e sem qualquer contextualização no universo do aprendiz. É não só legítimo como fundamental a inflexão de estilo para uma maior adaptação do que é académico ao que é da vida, na linha de uma educação global e de cidadania, a que ninguém quererá hoje fugir. A contextualização curricular, entre outras virtudes, é fundamental para motivar os nossos alunos. Se uma conceptualização curricular excessiva faz lembrar um simples esqueleto, feio e pouco atraente, a excessiva contextualização pode significar, por sua vez, um corpo sem esqueleto, por isso mole e sem futuro.

Palavra/Imagem: Dizemos, hoje, que vivemos no mundo da imagem. Os recursos gráficos revestem-se de importância crucial e são usados em larga es-

cala, nomeadamente, como estratégias pedagógicas de facilitação para a aprendizagem de conceitos mais abstractos. Há algum espaço, portanto, para re-afirmar a máxima de que "um desenho vale mais do que mil palavras". Mas há quem abuse desta inspiração da imagem e "desprivilegie" a palavra, lateralizando a importância da escrita. Isto é, há espaço, por vezes, para moderação ou mesmo reacção, como se também fosse verdade que "uma palavra pode valer mais do que mil imagens".

Razão/Afectos: Talvez pudéssemos catalogar determinadas práticas pedagógicas do passado como "paraísos da razão". Na relação professor-aluno e no próprio processo de ensino e aprendizagem importaria uma clareza racional objectiva, num contexto de relação "higiénica" e quase independente das pessoas. Os afectos eram inibidos ou separados dos alunos, dos professores e da educação. As emoções eram recalcadas em absoluto. Não há cabimento, hoje, para esta separação entre o que é racional e o que é afectivo. Mas conhecem-se espaços pedagógicos onde também os afectos imperam desmesuradamente, onde não há distância crítica suficiente para, com a razão, ver e agir melhor. Se quisermos, há professores que não o chegam a ser, porque são só "tipos porreiros".

Sacrifício/Prazer: A tendência para fazer da escola um espaço agradável e propício à aprendizagem foi-se cimen-

* Departamento de Química da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto
email: jcpaiva@fc.up.pt

tando nas práticas educativas contemporâneas. O farol da motivação, dos recursos gráficos, das actividades e das auto-aprendizagens foi acendendo cada vez mais na mira dos educadores, abandonando-se aos poucos a escola enfadonha e de sacrifício. Mas será possível educar e ajudar a crescer, sem esforço, sem sacrifício, sem "dor"? Será bom para um aprendente não tolerar a frustração, o exercício repetitivo, a prática sistemática, a contenção de emoções e mesmo a obediência?

Quadro e giz/Computadores: Fala-se hoje, com legitimidade, na revolução das novas tecnologias. Não só no ensino mas na vida de todos nós, o computador – e em particular o computador ligado na "teia mundial" que é a Internet – é uma realidade incontornável. Particular utilidade têm todas as potencialidades de facilitação oferecidas pela reconstrução e comunicação rápida de informação digital. Destinando o que é rotina à máquina, liberta-se o homem para o homem e, concretamente, o professor e o aluno para a relação pedagógica. Acrescem ainda as vantagens pedagógicas não só no estilo mas naquilo que se ensina com recurso ao computador, me-

recendo aqui particular enfoque as simulações computacionais. O toque de prudência, neste desafio de recursos tecnológicos que se opõe ao quadro e giz, é estar consciente que as tecnologias não são, de per si, a panaceia dos principais problemas e desafios que se colocam à educação.

Professor/Aluno: É verdade que no passado o centro das práticas metodológicas era o próprio professor. Ele debitava informação para o aluno, mais entendido como uma "cabeça vazia" para receber conteúdos, do que alguém com estrutura prévia e própria, capaz de construir a sua aprendizagem. Mas, como referimos, também podem ser exagerados os estilos "demasiado respeitadores" dos alunos, onde a desejável actividade do aluno seja vivida como uma inconsequente e descontrolada hiperactividade indisciplinada.

À lista acima poderiam ser outros exemplos acrescentados e desenvolvidos como: sala de aula/outros espaços educativos; elitismo/mediocridade; fornecimento de informação/criatividade; memória/raciocínio, etc. Em todos os casos, não queremos inibir a mudança mas chamar à atenção de que práticas

más (porque desproporcionadas) de boas ideias podem conduzir a imagens más dessas ideias e gerar resultados verdadeiramente calamitosos. Como corolário, verdadeiras atitudes reaccionárias e proteccionistas acabam por deixar tudo como estava, inibindo a penetração de uma evolução que deve ser prudente mas que não deixa de ser urgente.

Ao professor, em particular, é pedida uma tarefa difícil mas desafiante, a fusão feliz que gera gente competente e feliz: um professor que, por exemplo, "faz o pino" na sala mas que não deixa falar sem o dedo no ar, que se dá aos alunos mas que se faz respeitar, que valoriza o raciocínio e a criatividade mas que obriga a saber a tabuada de cor, que respeita cada um mas que gere autoridade, que é tolerante mas não prescinde do rigor, enfim, um professor que é amigo mas que exige!

O mais importante, não obstante este discernimento necessário dos sistemas e das práticas educativas, é a própria paixão de ensinar. A paixão não está em nenhum jogo de pólos, mas é o eixo contínuo que faz mover não só a escola mas o mundo!